

## “A FLOR MAIS BONITA”: REPRESENTAÇÃO DE LESBIANDADE NA NARRATIVA DE NATALIA POLESSO

**Amanda Caroline Belzuino**

Universidade Estadual do Paraná

([amandabelzuino@gmail.com](mailto:amandabelzuino@gmail.com))

**Natacha dos Santos Esteves**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

([natachaestevescm@gmail.com](mailto:natachaestevescm@gmail.com))

**Wilma dos Santos Coqueiro**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

([wilmacoqueiro@gmail.com](mailto:wilmacoqueiro@gmail.com))

### Resumo

O presente estudo, partindo do conto “Flor, flores, ferro retorcido” (2015), da escritora brasileira Natalia Polesso, tem como objetivo contemplar a narrativa apresentada pela autora como uma obra *queer*. Para tanto, a pesquisa de caráter bibliográfico utiliza-se dos estudos teóricos de Miskolci (2013) sobre a Teoria *Queer* e as postulações de Butler (2010) sobre as categorias de gênero enquanto construções sociais. O trabalho, dividido em três partes, apresenta considerações sobre os dois aportes teóricos apresentados e, em sequência, parte para a análise do conto de Polesso (2015), abordando a forma como o sujeito infantil compreende as violências que a personagem lésbica vivência. O embasamento teórico utilizado é oriundo da Teoria *Queer*, dos Estudos Culturais e da Crítica Feminista.

**Palavras-chave:** Amora; Literatura de autoria feminina; Natalia Polesso; Teoria *Queer*; Violência.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

## Amanda Caroline Belzuino

Graduanda do Curso de Letras-Português/Inglês da Universidade Estadual do Paraná/campus de Campo Mourão. Participou do Programa Federal Residência Pedagógica – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, entre os anos de 2022 a 2024. Participa do Programa de Iniciação Científica (PIC – 2024-2025).



[lattes.cnpq.br/7007853890097948](https://lattes.cnpq.br/7007853890097948)



[orcid.org/0009-0007-6250-7930](https://orcid.org/0009-0007-6250-7930)

## Natacha dos Santos Esteves

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, na área de concentração “Estudos Literários”. Possui mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá UEM, na área de concentração Estudos Literários, Linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades, com a dissertação intitulada “‘The hate u give’: racismo sistêmico e resistência no romance pós-colonial de Angie Thomas”. Além disso, integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura - GEPEDIC, da Unespar. Também compõe o grupo que coordena o Seminário Afro [R]existência, da Unespar.



[lattes.cnpq.br/7043368923297902](https://lattes.cnpq.br/7043368923297902)



[orcid.org/0000-0002-9834-5044](https://orcid.org/0000-0002-9834-5044)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

## Wilma dos Santos Coqueiro

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente associada do colegiado de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – campus de Campo Mourão.



[lattes.cnpq.br/0153461918591041](http://lattes.cnpq.br/0153461918591041)



[orcid.org/0000-0001-6271-4744](http://orcid.org/0000-0001-6271-4744)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	------------	-------	------	------

## “A FLOR MAIS BONITA”: REPRESENTAÇÃO DE LESBIANDADE NA NARRATIVA DE NATALIA POLESSO

**Amanda Caroline Belzuino**

Universidade Estadual do Paraná

([amandabelzuino@gmail.com](mailto:amandabelzuino@gmail.com))

**Natacha dos Santos Esteves**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

([natachaestevescm@gmail.com](mailto:natachaestevescm@gmail.com))

**Wilma dos Santos Coqueiro**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

([wilmacoqueiro@gmail.com](mailto:wilmacoqueiro@gmail.com))

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A TEORIA *QUEER* E AS CATEGORIAS DE GÊNERO

Ao longo da história da literatura, vimos a inferiorização de mulheres nesse meio, seja do feminino negro, branco, indígena, e, sobretudo, de mulheres lésbicas ou de quaisquer outras orientações não heterossexuais, que será o foco deste estudo. Em qualquer âmbito, é notável a falta da representatividade sofrida pelas mulheres homoafetivas, tanto na literatura e no cinema como nas demais formas de arte. A figura masculina ainda é dominante nesses meios, porém, é notável que há, embora em passos lentos, a conquista de representatividade de homens gays (cis), mas pouco ainda se fala das produções artísticas das mulheres lésbicas (sejam elas transexuais ou cisgênero). No Brasil, o reconhecimento da literatura de autoria feminina levou anos para ter alguma relevância, conforme nos explica Zolin (2019). De acordo com a pesquisadora, o resgate da produção literária feminina vem com o revisionismo crítico, que questiona o cânone literário inscrito no contexto da cultura patriarcal que elege como modelo autores homens, brancos e heterossexuais.

Nesse sentido, foi extremamente relevante o papel da crítica feminista em vários âmbitos, tanto na reavaliação do cânone literário excludente, como citado, e, em especial, no questionamento dos estereótipos de gênero presentes na literatura, ao avaliar como esses estereótipos podem perpetuar desigualdades e preconceitos. De acordo com Zolin (2019), com base nos estudos da crítica estadunidense Elaine Showalter, a partir da década de 1980, o

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

conceito de gênero “passou a ser amplamente usado pela crítica literária feminista com o objetivo de evitar algumas armadilhas ou ambiguidades contidas nos conceitos de *identidade feminina e lugar da diferença*” (ZOLIN, 2019, p. 228, grifos da autora).

Se a literatura de autoria feminina como um todo foi deslegitimada e invisibilizada, onde estão as representações ou vivências de mulheres lésbicas (cisgênero ou transsexuais), bissexuais ou de qualquer pessoa que não se enquadra no modelo heteronormativo, no que se refere à literatura brasileira? Qual é a posição desses sujeitos em nossa literatura e como são representadas? Nesse sentido, a Teoria *Queer* desempenha um papel fundamental na orientação da compreensão e experiência de pessoas *queer*.

Richard Miskolci (2013) explica que o corpo, o desejo e a sexualidade sempre foram alvos de poder. Nesse contexto, as lutas feministas, negras e homoafetivas têm em comum o questionamento dessas estruturas de poder. Para o autor, em termos políticos, “o *queer* começa a surgir nesse espírito iconoclasta de alguns membros dos movimentos sociais expresso na luta por desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais (MISKOLCI, 2013, p. 23).

Conforme apresenta Miskolci (2013), os movimentos sociais com pautas em prol da liberdade de corpo, desejo e sexualidade foram primordiais para que as discussões relacionadas ao empoderamento político e social de pessoas *queer* viessem à tona. Como explica o autor, a Teoria *Queer* tem como precursor o pensador francês Guy Hocquenghem com a publicação, de 1970, *Le désir homossexuel (O desejo homossexual)* e torna-se mais evidente durante a década de 1980, nos Estados Unidos, em um cenário delicado com a epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (conhecida pela sigla AIDS), com diversas alegações de que o estopim dessa doença, causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (com a sigla, em inglês, HIV), estava atrelada a uma punição àqueles que “não seguiam a ordem sexual tradicional” (MISKOLCI, 2013, p. 25). Assim, usando o ambiente caótico e aterrorizante da sociedade de 1970, uma onda conservadora surge para apontar os supostos culpados da epidemia da AIDS: homens gays e transexuais.

O movimento *Queer* surge, então, para se rebelar em prol da mudança nessa sociedade com preceitos heteronormativos e para refletir acerca das vivências, preconceitos e das consequências causadas pela onda de ódio contra pessoas da comunidade LGBTQIA+. Como explica Miskolci (2013), a própria palavra *queer*, que tem origem da língua inglesa, indicava algo pejorativo, usado para designar aquelas pessoas fora de todos os paradigmas “normais”, desde a forma de se portar até a de se relacionar, ou seja, o termo era utilizado para quem estivesse fora de todo o paradigma da heteronormatividade: “[...] a ideia do *Queer Nation* era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o *queer*, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela AIDS” (MISKOLCI, 2013, p. 23).

Nesse contexto, faz-se necessário elucidar a diferença dos termos homossexual e *queer*. Enquanto o movimento homossexual tem uma narrativa que foca, estritamente, no ir e vir, na denúncia da heterossexualidade compulsória em qualquer âmbito da sociedade, o termo *queer* é mais marcante por questões políticas e sociais sendo, portanto, mais abrangente. Isto pois este termo questiona e mostra não só o básico que qualquer ser humano deva ter em uma sociedade, mas as vivências, impunidades e consequências de agressões (física, moral, verbal ou psicológica) sofridas por qualquer membro da comunidade LGBTQIA+. Em razão dessa abrangência mais humanizada da Teoria *Queer*, optou-se por essa abordagem analítica no presente estudo.

O estudo teórico e crítico sobre pessoas *queer* começa a partir da década 1980, nos Estados Unidos, para, acima de tudo, quebrar a ideia de que a homossexualidade era o sinônimo de minoria, sem aprofundar nas vivências, com o mesmo discurso de “devemos respeitar”. Além do mais, o surgimento da Teoria *Queer* partiu, principalmente, de mulheres feministas. Nos estudos acadêmicos, o termo *Queer* foi usado pela primeira vez no início dos anos 1990, por meio de artigo da teórica feminista Tereza de Lauretis, intitulado *Queer theory: lesbian and gay sexualities*<sup>1</sup>. Segundo Silva (2010), isso forneceu um aparato teórico metodológico para análise das questões de sexualidades *queer*. Assim, ao questionar os essencialismos que permeiam as questões de identidade:

[...] a teoria *queer* sintoniza-se ao pensamento pós-estruturalista, pós-moderno e pós-feminista, conquanto no lastro dessas teorias, desmistifica e desnaturaliza as relações hierarquizantes e hegemônicas da visão heterocentrada da sexualidade. (SILVA, 2010, pp. 41-42)

Então, enquanto o movimento homossexual tinha seus fundamentos teóricos advindos de estudos gays sem qualquer linha de pensamento feminista e muito menos referências, a Teoria *Queer* é uma linha ou parte daquilo que o feminismo é: “[...] o gênero é relacionado às normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade” (MISKOLCI, 2013, p. 34). Todos esses desdobramentos feitos até aqui sobre o que é a Teoria *Queer* são necessários para conseguirmos entender as “raízes” deste estudo, seus

---

<sup>1</sup> O artigo “Queer theory: lesbian and gay sexualities” foi publicado originalmente em: *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* (vol. 3, no. 2, 1991, pp. iii-xviii). Além de discutir as bases teóricas e metodológicas da Teoria *Queer*, a autora destaca a importância de reconhecer a complexidade das experiências sexuais e de gênero. No artigo, Lauretis critica as visões binárias que limitam a compreensão da diversidade identitária e evidencia a pertinência de reflexões sobre representação, política e ativismo, no contexto das identidades homoafetivas.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

objetivos e como essa teoria pode ser utilizada para compreender a narrativa do conto em análise, uma vez que propomos uma interpretação feminista e *queer* sobre o conto *Flor, flores, ferro retorcido*, de Natalia Polesso.

A Teoria *Queer*, sobretudo, vem para aprimorar não só estudos gays ou lésbicos, mas também estudos bissexuais, travestis e transsexuais. Atualmente, na linha dos Estudos Culturais, já se trabalha com a temática de identidade de gênero como “não binário”, “cisgênero”, “transgênero”, dentre outros termos. Judith Butler, em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2010), levanta apontamentos referentes ao binarismo de gênero, que, considerando a sociedade transformada a partir do patriarcado em que vivemos, separa e classifica os sujeitos em formas binárias, ou seja, homem e mulher. Somente essas duas classificações, que são consideradas até os dias atuais, não dão conta de descrever as identidades de gênero que são fluidas. Butler, além do mais, desconstrói o que conhecemos sobre sexo, gênero e orientação sexual, que é fortemente definida pela sociedade falocêntrica. De acordo com a pesquisadora, “não há identidade de gênero; essa identidade é performaticamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (BUTLER, 2010, p. 56).

Diante do exposto sobre o percurso da Teoria *Queer* e o modo como as categorias de gênero foram esquematizadas e utilizadas como uma forma de manutenção do poder hegemônico e falocêntrico, o presente estudo apresenta uma leitura *queer* e feminista do conto *Flor, flores, ferro retorcido*, publicado no livro *Amora* (2015), de autoria da escritora brasileira Natalia Borges Polesso.

### **FLOR, FLORES, FERRO RETORCIDO: AS NUANCES DA MULHER LÉSBICA**

O livro *Amora*, publicado em 2015 pela Editora Dublinense, contém 33 contos e é separado em duas partes: *Grandes e Sumarentas* e *Pequenas e Ácidas*. A obra foi concebida com um propósito político, abordando diversas temáticas que apresentam momentos subjetivos e singulares de amores e experiências de mulheres lésbicas, bem como a narração de vivências que somente uma mulher homoafetiva teria, como, por exemplo: a questão de estereótipos, fetichização, exclusão e silenciamento vividos por elas. Outro aspecto importante para ressaltar sobre *Amora* são os traços autobiográficos, com narrativas de uma infância lésbica, que aborda discussões acerca das questões de identidade e conflitos voltados para a sexualidade e as questões de gênero.

#### **TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

A obra de Polesso (2015), vencedora de duas categorias do Prêmio Jabuti em 2016, tem feito sucesso no exterior. De acordo com a *Oprah Magazine*, *Amora* é uma das 44 obras que estão mudando o cenário de literatura LGBTQIA+ nos Estados Unidos<sup>2</sup>. Essa mudança parte do fato de que a autora se nega a resumir as narrativas das personagens a meras questões sexuais. Ela foge da “história única” criada pela heteronormatividade ao mostrar mulheres (crianças e adultas) em suas mais diversas complexidades, como ela mesma reconhece: “Eu não escrevo sobre lésbicas. Escrevo sobre diversos temas, mas com personagens lésbicas. Quando a gente diz que representatividade importa, é isso” (POLESSO *apud* GONZALEZ, 2021, n. p.). Diante disso, a análise proposta para a obra da autora é uma leitura *queer* por entendermos que essa teoria, assim como Polesso (2015), busca ir além de categorias de gênero e performances heteronormativas que compõem a sociedade.

No conto escolhido para este artigo, *Flor, flores, ferro retorcido*, temos uma espécie de recorte do que compõe a sociedade brasileira: o conservadorismo, o preconceito sexual e a imposição dos papéis de gênero. A autora apresenta aos seus leitores as vivências de uma mulher lésbica em ambientes sociais, sejam familiares ou não, que ocorrem em cenários conturbados com violência verbal e discriminação sexual, tudo pela perspectiva de uma narradora infantil.

Sobre o enredo do conto, tem-se a narração de pequenos episódios entre uma criança, que reside no interior do Rio Grande do Sul, e sua vizinha chamada Florlinda, caracterizada esteticamente com vestimentas “masculinas”, sem performar a feminilidade:

Os cabelos crespos lhes escorriam como rios rebeldes pelos ombros. Talvez fosse o fato de estar sempre de chapéu e alpargatas, que lembrasse um pouco o Renato Borghetti, o cara da gaita. Toda vez que penso naquele tempo e lugar e tento me lembrar do rosto das pessoas e talvez da voz, o que me vem de mais marcante é a imagem dela. (POLESSO, 2015, p. 28)

Essa descrição masculina e a não performance da feminilidade imposta, apesar de passar despercebida, já sinaliza uma violência que a personagem sofre. Conforme afirma Judith Butler (2010), “[...] se sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo” (p. 25). De fato, Florlinda é vitimizada, inicialmente, pela forma como não performa a relação entre gênero e sexo. Ela é mulher, mas, de acordo com as personagens que a avaliam, se “porta” como homem.

<sup>2</sup> BOLL, Julio. "Amora", de Natalia Polesso, é apontada como uma das obras que estão mudando o cenário LGBT+ dos EUA. Zero Hora, 2020. Disponível em: [gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/04/amora-de-natalia-polesso-e-apontada-como-uma-das-obras-que-estao-mudando-o-cenario-lgbt-dos-eua-ck8qbtm9400pw01qwif6clz8x.html](http://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/04/amora-de-natalia-polesso-e-apontada-como-uma-das-obras-que-estao-mudando-o-cenario-lgbt-dos-eua-ck8qbtm9400pw01qwif6clz8x.html). Acesso em: 1 de agosto de 2024.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

A personagem não reage de forma consciente às violências que seu corpo é acometido, a sua forma de combater a dominação masculina é romper com os limites impostos ao feminino com base em suas vestimentas e sua profissão. O sociólogo francês Alain Touraine explica que, mesmo em condição de subalternidade, as mulheres têm sua emancipação, para ele:

[...] nenhuma mulher ignora a subordinação das mulheres aos homens e as funções que a sociedade lhes atribui, e que em parte as colocam do lado da natureza, ainda que os homens sejam os inventores e mestres da vida social. A identidade que as mulheres afirmam, no entanto, não é somente a rejeição da dominação social; ela é, sobretudo, a afirmação da experiência vivida na própria subjetividade que emergiu e, conseqüentemente, a confirmação da capacidade de pensar, de agir, de esperar ou de sofrer por si mesma. (TOURAINÉ, 2011, p. 32)

O conto expõe alguns momentos da vida de uma jovem mulher dos anos 1980 excluída socialmente por sofrer lesbofobia em sua comunidade local. Já de início temos o conflito que vai nortear a história, quando, durante um almoço com membros da família Klein, os adultos, enquanto se divertem, proferem o termo “machorra” para descrever a vizinha Florlinda, que trabalhava na mecânica da vizinhança.

No texto selecionado, temos a descrição da vida de uma criança pertencente a um bairro pobre, localizado entre Campo Bom e Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A amiga da narradora – Celói – era filha de Kuntz, o único amigo de Florlinda. A narradora vivia em uma casa próxima à oficina da família Klein, onde Florlinda trabalhava, o que chamava a atenção da pequena criança: “e a da figura mais marcante da minha infância, cujo rosto eu vi uma única vez e nunca mais me esqueci” (POLESSO, 2015, p. 28).

Após a descrição do ambiente e de alguns personagens secundárias da trama, a narradora apresenta um momento marcante do conto, que “enraizou” em sua memória:

O fato que mais se enraizou na minha memória desses almoços foi um dia em que ouvi a seguinte frase: como pode uma *machorra* daquelas? E eu, curiosa que era, rapidamente perguntei o que era uma *machorra*. Silêncio completo, minha mãe começou a rir de um jeito esquisito, era embaraço. Os homens coçaram a cabeça e se enfiaram rápidos dentro dos copos de cerveja que bebiam. A mãe da família Klein estava tão estarecida que aquela palavra tivesse ido parar na minha boca que começou a rir também. Minha mãe tentou remediar. Cachorra, minha filha, cachorra. Mas eu tinha certeza que tinha ouvido *machorra* e insisti. Eles mudaram de assunto e me ignoraram. O que eles não estavam esperando era que eu ficasse de orelhas em pé, ligada em tudo o que falavam, e, quando voltaram ao assunto, eu preferi ficar quieta ouvindo, fingi interesse em uma boneca, mas minha atenção estava completamente direcionada a eles. Então eu entendi que falavam da vizinha da oficina. Ela era uma machorra. (POLESSO, 2015, p. 29, grifos da autora)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

Conforme apresentado anteriormente, a Teoria *Queer* surgiu para, dentre outras funcionalidades, explicar como o abjeto era formado socialmente e quem seriam esses abjetos, esta palavra “[...] se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento” (MISKOLCI, 2017, p. 24). Ao usarem o termo “*machorra*” para representar a figura feminina que habitava a esfera masculina, os agressores desumanizavam a personagem e retiravam a fertilidade do sexo feminino, uma vez que “*machorra*” é uma gíria sul-riograndense que significa, dentre outras leituras, “fêmea estéril”. Esse termo configura o mesmo que “*sapatona*”, “mulher macho”, dentro do contexto do conto. Além disso, ao negar, mesmo que apenas verbalmente, a fertilidade da mulher, é como se eles a vissem como “menos mulher”.

Na cena em que a mãe profere o termo “*machorra*”, temos uma criança que, após ouvir esse vocábulo, questiona seus pais. Porém, o silêncio e a vergonha surgem acometendo os adultos ali presentes e, sem palavras para explicar à criança o que significava a palavra, tentam, em vão, enganá-la. O conto caminhará com essa dúvida da menina que, além de não compreender o termo “*machorra*”, quer, incansavelmente, descobrir qual é a doença sofrida pela vizinha, pois ela era considerada, pelos adultos, doente por divergir do padrão de “normalidade”. Todavia, a menina não via nenhuma enfermidade na mulher e essa curiosidade a levava a se aproximar de Florlinda.

A personagem Florlinda, do início ao fim da narrativa, é representada aos olhos dos adultos como um ser horrendo, um abjeto digno de ser excluído, enquanto, na visão da criança, ela é retratada como uma pessoa pura e delicada. Florlinda é violada com estereótipos dados a mulheres que não performam a feminilidade imposta pela sociedade nem nas suas vestimentas e nem na profissão. Assim, Florlinda é colocada na posição de abjeto por ser lésbica e por não performar dentro da categoria do gênero feminino.

Após a situação embaraçosa do almoço, há outro momento que merece ser analisado: a patologização atribuída pela mãe da criança sobre a personagem Florlinda, como forma de manter a menina longe da mulher. Após a criança cair de cima do muro, pois estava observando a mulher, Florlinda acode a criança e, num ato violento, a mãe da menina puxa o pulso da filha, tirando-a de cena para não ficar próxima da mecânica. Após chorar com o tabefe da mãe, ela pergunta novamente o que é “*machorra*” e o que a mulher tinha. A mãe responde:

É uma doença, minha filha. A vizinha é doente. Voltei para o quarto quase satisfeita. Se era doença, por que não tinham me dito logo? Fiquei pensando se era contagiosa, mas concluí que não era, porque a mecânica estava sempre cheia. Voltei para a cozinha. Doença de que, mãe? Minha mãe mais uma vez colocou a mão no rosto e respirou fundo. De ferro retorcido que tem lá naquele galpão. Eu não sabia que se podia pegar doenças de ferro retorcido, mas me dei por satisfeita quando no outro dia a professora explicou sobre tétano. (POLESSO, 2015, p. 30)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

Com efeito, na citação acima, percebe-se que a mãe projeta uma doença inexistente “de ferro retorcido e machorra” em Florlinda para, sobretudo, afastar a criança da mulher. Obviamente é uma tentativa em vão, pois a criança tem mais curiosidade sobre a sua vizinha, bem como se sensibiliza, levando flores para a suposta enferma. Nitidamente, há um registro da pureza infantil que em nenhum momento identificou maldade ou praticou lesbofobia atribuída tanto no termo “*machorra*”, quanto na doença decretada pela mãe para afastar a menina da mulher.

Além dessa cena da entrega das flores, há um outro episódio de violência em que a mãe puxa a criança pelos cabelos quando a vê conversando com a vizinha mecânica, e, de fato, há um registro de silenciamento da criança e de lesbofobia por parte da mãe:

Meu primeiro pensamento foi de que uma doente não deveria sair de casa, então, perguntei: a senhora está melhor? Ela virou para mim com os cabelos molhados em cima do rosto e, com uma boca bem rosada e uns olhos carinhosos cor de mel, me disse que nunca esteve tão bem. Agradeceu as flores e se ajoelhou para me dar um beijo. Nessa hora, minha mãe apareceu e me puxou pelos cabelos. Ouvi o pai da Celói dizendo não se preocupe, Flor. (POLESSO, 2015, pp. 30-31)

O conto também discute a questão de estereótipos advindos de discursos machistas e sexistas, como acontece quando Celói, amiga da criança, explica a “condição” da vizinha Florlinda. A menina usa uma boneca estilo Barbie e um ursinho para exemplificar o que a personagem era:

A Celói revirou os olhos como quem chama alguém de ignorante, não disse nada, me pegou pela mão e me levou até o quarto dela, pegou um ursinho peposo e duas barbies. Muito bem, não eram barbies, eram imitações, mas davam para o gasto e serviram muito bem para o que ela me explicou. Eu tinha oito anos, a Celói tinha onze ou doze. Ela pegou uma boneca e o ursinho e começou a explicação. Esse é o homem e essa é a mulher, quando os dois se amam, vão para o quarto e ficam assim — e colocou um em cima do outro —, teu pai e tua mãe fazem isso e é por isso que tu existe e teu irmão também. Eu sacudi a cabeça e tentei acompanhar o raciocínio. Depois ela pegou as duas bonecas, fez a mesma coisa e disse que tinha gente que fazia daquele jeito. Isso é machorra, mas é feio falar isso, meu pai disse. (POLESSO, 2015, p. 31)

Com a explicação de Celói, a menina começa a compreender o tom pejorativo com que Florlinda era retratada e, inconscientemente, a criança negava esse termo – “*machorra*” – para se referir à personagem, preferindo chamá-la de Flor. Assim, rompe com a violência de gênero ao constatar e aceitar a feminilidade na mulher lésbica, sem nem ao menos saber, em toda a complexidade do termo, o que significa ser lésbica.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao final do conto, a narradora acredita que está doente e que é igual a Florlinda. Todavia, em uma cena bastante emblemática, a personagem afirma que não há nada de errado com a criança:

Voltei para casa cabisbaixa naquele dia e, ao atravessar a rua, dei de cara com a Flor, escorada entre o meu portão e o contador de luz. Pequena, por que está com essa carinha triste? Porque a Celoi acha que eu estou doente também, que eu tenho o mesmo que a senhora. Arrastei os tênis no cascalho. Ela se agachou e colocou a mão na minha testa, como se para conferir alguma febre. Bobagem, tu tá ótima. Não há nada de errado contigo. Eu ergui os olhos para ver se ela tinha uma cara honesta. Ela tirou os cabelos da frente do rosto e o transformador explodiu. As faíscas que caíam iluminaram os olhos dela e, naquele momento, ela era a flor mais bonita que eu já tinha visto. (POLESSO, 2015, p. 32)

*Flor, flores, ferro retorcido* nos apresenta um recorte da vida de uma mulher lésbica, moradora de uma cidade sulista e retrata tanto a pressão sofrida por mulheres lésbicas, seja no âmbito social, estético e político, em que, a partir da narrativa de uma criança, podemos perceber como a nossa sociedade impregna os discursos de ódio contra pessoas LGBTQIA+ e como crianças são afetivas diante de qualquer pessoa, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Por mais que seja uma narrativa curta, é um retrato da vida de mulheres lésbicas brasileiras e descreve como a sociedade perpetua discursos opressivos contra indivíduos que se desvinculam da heteronormatividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de autoria feminina brasileira, entre suas diversas tendências e temáticas, tem sido marcada por produções que desafiam e questionam estereótipos de gênero e sexualidade, além de denunciar a condição de submissão, opressão e violência que ainda afeta muitas mulheres na sociedade brasileira, mostrando a importância da arte, especialmente da ficção, em refratar a realidade. No caso da literatura de autoria feminina lésbica, sua relevância está no fato de oferecer uma voz autêntica para experiências que, na maioria das vezes, são negligenciadas e silenciadas.

Conforme a discussão proposta, a leitura crítica de qualquer conto ou gênero literário com abordagens voltadas para a temática *queer* transforma e coloca em foco vozes de pessoas que, durante nossa história social e literária, foram excluídas, rejeitadas e violentadas das formas mais cruéis. Ao lermos esse tipo de literatura, damos voz a pessoas que viveram e vivem à margem em nossa sociedade e, quando consideradas, a transformação acontece, afinal de contas, a literatura não é uma “experiência inofensiva” e “humaniza em sentido profundo porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p. 176).

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

A literatura com foco em lesbianidades torna visível esse grupo presente na comunidade *queer* que, em qualquer âmbito, seja musical, cinematográfico ou literário, é majoritariamente rejeitado e ignorado, uma vez que uma opressão não cede espaço para outra, elas ocorrem em via de mão dupla. Nesse sentido, o conto de Natalia Borges Polessso, ao narrar as diversas nuances da lesbiandade, evidencia como além de sofrerem violências de gênero e por sua orientação sexual, as mulheres também precisam lidar com o machismo e a misoginia, estruturas sociais das sociedades patriarcais.

Assim, por entender que as violências se somam em sujeitos abjetos e apresentar isso em sua obra, o conto *Flor, flores, ferro retorcido* atua como um excelente representante de narrativa *queer*, visto que fornece modelos positivos de representação homoafetiva às leitoras lésbicas, contribuindo para o confronto aos estigmas perpetuados ainda hoje na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BOLL, Julio. "Amora", de Natalia Polessso, é apontada como uma das obras que estão mudando o cenário LGBT+ dos EUA. Zero Hora, 2020. Disponível em:

[gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/04/amora-de-natalia-polessso-e-apontada-como-uma-das-obras-que-estao-mudando-o-cenario-lgbt-dos-eua-ck8qbtm9400pw01qwif6clz8x.html](http://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/04/amora-de-natalia-polessso-e-apontada-como-uma-das-obras-que-estao-mudando-o-cenario-lgbt-dos-eua-ck8qbtm9400pw01qwif6clz8x.html). Acesso em: 1 de agosto de 2024.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011, pp. 171-194.

GONZALEZ, Mariana. **Autora só de protagonistas LGBT: "Falo do cotidiano, não sobre ser lésbica"**. *Universa Entrevista*, 2021. Disponível em:

[uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/26/autora-de-7-livros-com-personagens-lesbicas-rejeita-ideia-de-tematica-lgbt.htm](http://uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/05/26/autora-de-7-livros-com-personagens-lesbicas-rejeita-ideia-de-tematica-lgbt.htm). Acesso em: 1 de agosto de 2024.

LAURENTIS, Teresa de. Queer Theory. Lesbian and Gay Sexualities: An Introduction. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 3, n. 2, 1991.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

SILVA, Sandro Adriano da. **Acenos e Afagos**: o romance *Queer* de João Gilberto Noll. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Tradução de Francisco Morás. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4ª edição. Maringá: Eduem, 2019.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/08/2024

Publicado em: 08/03/2025

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	-------------	-------	------	------

**“THE MOST BEAUTIFUL FLOWER”: REPRESENTATION  
OF LESBIANDITY IN NATALIA POLESSO’S NARRATIVE**

**Amanda Caroline Belzuino**

Universidade Estadual do Paraná

([amandabelzuino@gmail.com](mailto:amandabelzuino@gmail.com))

**Natacha dos Santos Esteves**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

([natachaestevescm@gmail.com](mailto:natachaestevescm@gmail.com))

**Wilma dos Santos Coqueiro**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

([wilmacoqueiro@gmail.com](mailto:wilmacoqueiro@gmail.com))

**ABSTRACT**

The present study, based on the short story *Flower, flowers, twisted iron* (2015), by Brazilian writer Natalia Polesso, aims to contemplate the narrative presented by the author as a queer work. To this end, bibliographical research uses Miskolci's (2013) theoretical studies on Queer Theory and Butler's (2010) postulations on gender categories as social constructions. The work, divided into three parts, presents considerations about the two theoretical contributions presented and, in sequence, moves on to the analysis of the short story by Polesso (2015), addressing the way in which the child subject understands the violence that the lesbian character experiences. The theoretical basis used comes from Queer Theory, Cultural Studies and Feminist Criticism.

**Keywords:** *Amora*; Literature by women; Natalia Polesso; Queer Theory; Violence.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfnas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfnas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

## “LA FLOR MÁS HERMOSA”: REPRESENTACIÓN DE LA LESBIANDAD EN LA NARRATIVA DE NATALIA POLESSO

**Amanda Caroline Belzuino**

Universidade Estadual do Paraná

([amandabelzuino@gmail.com](mailto:amandabelzuino@gmail.com))

**Natacha dos Santos Esteves**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

([natachaestevescm@gmail.com](mailto:natachaestevescm@gmail.com))

**Wilma dos Santos Coqueiro**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

([wilmacoqueiro@gmail.com](mailto:wilmacoqueiro@gmail.com))

### RESUMEN

El presente estudio, basado en el cuento “Flor, flores, hierro retorcido” (2015), de la escritora brasileña Natalia Polesso, tiene como objetivo contemplar la narrativa presentada por la autora como una obra queer. Para ello, la investigación bibliográfica utiliza los estudios teóricos de Miskolci (2013) sobre la Teoría Queer y las postulaciones de Butler (2010) sobre las categorías de género como construcciones sociales. El trabajo, dividido en tres partes, presenta consideraciones sobre los dos aportes teóricos presentados y, en secuencia, pasa al análisis del cuento de Polesso (2015), abordando la forma en que el sujeto niño entiende la violencia que ejerce la lesbiana. experiencias del personaje. La base teórica utilizada proviene de la Teoría Queer, los Estudios Culturales y la Crítica Feminista.

**Palabras-clave:** *Amora*; Literatura de mujeres; Natalia Polesso; Teoría Queer; Violencia.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfnas, MG	v. 13	n. 2	1-16
----------------------------	------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)